Diário do Pará
DOMINGO, Belém-PA, 02/12/2012

Suruís NO ARAGUAIA

GUERRILHA DO ARAGUAIA

A guerra suja e os suruís

Em um dia dos anos 70, helicópteros romperam o silêncio da mata para pousar no meio da aldeia: sem pedir licença, o conflito do Araguaia entrou para sempre na vida dos índios da comunidade Sororó-Suruí

ISMAEL MACHADO

Sábado à tarde do dia 17 de novembro de 2012. No lotado auditório da Câmara Municipal de Marabá, com a temperatura externa batendo na casa dos 35 graus, mas amenizada no recinto pelas potentes centrais de ar condicionado, o índio Umassu Suruí inicia o relato do que viveu na metade da década de 1970, quando, numa cena que mais parecia extraída do filme 'Apocalipse Now', clássico de 1979 sobre a Guerra do Vietnã, helicópteros começaram a pousar no centro da aldeia Sororó-Suruí. Eram os militares, à caça de guerrilheiros perdidos nas matas que rodeavam as terras indígenas e as comunidades próximas. Umassu ainda não saberia, mas a partir daquele momento, mais uma vez os suruís teriam recordações traumáticas de encontros com os 'não índios'. Sem pedir licença, a Guerrilha do Araguaia entraria na vida dos suruís. E de lá não mais sairia.

Mais de três décadas depois do conflito entre militantes do PCdoB e as Forças Armadas, só agora começa a cair o manto de silêncio envolvendo a participação dos índios suruí no episódio que culminou com o extermínio de quase todos os guerrilheiros que se embrenharam nas matas paraenses no período mais violento da ditadura militar brasileira nos anos 70. Contar a história do envolvimento indígena na guerrilha é revolver fatos ainda obscuros e de consequências traumáticas para os sobreviventes.

Índios suruí foram obrigados a servir de mateiros para o Exército, caçar guerrilheiros, carregar corpos de militantes mortos e, em alguns casos, até a decepar cabeças de alguns deles para identificação. Há relatos de violações a mulheres e a conclusão a que chegaram alguns pesquisadores e membros da Comissão Nacional da Verdade é que os índios foram submetidos a um estado de sítio, não podendo sair da aldeia, caçar, pescar ou mesmo tomar banho nos igarapés próximos. A fome, o medo e a incerteza sobre o que estava ocorrendo foram companheiros dos suruís durante a parte final da Guerrilha do Araguaia.

"Cerca de 20 índios foram recrutados, com base em tortura, intimidação e agressões, para que servissem de 'mateiros' para as Forças Armadas", afirma Paulo Fonteles Filho, membro do Grupo de Trabalho do Araguaia, responsável pela investigação sobre o episódio da Guerrilha na região do Araguaia. No dia 16 de novembro, Fonteles acompanhou os membros da Comissão Nacional da Verdade na ida à aldeia Sororó-Suruí, entre os municípios de São Domingos e São Geraldo do Araguaia. A coordenadora do grupo de trabalho que investiga as violações de direitos humanos contra camponeses e indígenas nos anos da ditadura, Maria Rita Kehl, esteve na aldeia e anunciou, junto a Fonteles, a criação da Comissão da Verdade Suruí.

"É importante que toda essa história venha à tona, principalmente pela importância que a Guerrilha do Araguaia teve nesse momento", diz Maria Rita Kehl. "É um momento histórico", complementa Paulo Fonteles Filho. "Os índios irão relatar a própria história. Não seremos nós, os brancos, que irão contar", diz ele.

A intenção é que dois jovens índios suruí recebam uma bolsa de pesquisa para coletar durante um ano os relatos dos mais velhos, os que vivenciaram o período. Há muito trabalho pela frente. Onze índios já morreram desde o fim das escaramuças nas matas do Araguaia. Há 12 sobreviventes. Serão as fontes da história a ser contada. Os relatos serão transformados em documentos a serem incorporados no relatório final da Comissão Nacional da Verdade.

E há muito a contar. Um dos primeiros a ter contato com os soldados à época foi Umassu. Havia ido comprar uma rede em São Domingos do Araguaia a pedido de Frei Gil Gomes Leitão, o dominicano responsável pelos primeiros contatos com os suruís. "Na volta, encontrei o exército. Bataram arma na minha perna, derrubaram do jumento, soldado perguntou se rede que eu levava era para os guerrilheiros e eu disse que era para a aldeia", relata Umassu.

> **Os suruí foram obrigados a servir de mateiros para o Exército, caçar guerrilheiros, carregar corpos de militantes mortos e até a decepar cabeças. Há relatos de violações a mulheres. Sobre o que viram e viveram, pouco falaram. Até agora"**

Umassu chegou esbaforido à aldeia. Contou o ocorrido à comunidade. Não demoraria e o barulho dos 'ericópire', como muitos pronunciam helicópteros, começaria a se tornar um som familiar. As botas de soldados pisariam na aldeia. Terrorista passaria a fazer parte do vocabulário indígena.

O argumento era simples. Índio conhece a mata. Nada melhor que eles para serem os guias dos soldados, os mateiros. Os índios eram recrutados para ir com os soldados atrás dos guerrilheiros. Explicação quase nenhuma. "Nós não sabia pra que era", conta Umassu. Os suruís viram trocas de tiros entre soldados e militantes, presenciaram destruição de acampamentos, testemunharam atrocidades. Sobre o que viram e viveram, pouco falaram. Até agora.

"É importante mostrar que mais uma vez os índios foram enganados, desrespeitados e violados por uma sociedade que os vê como seres inferiores. É fundamental mostrar que eles foram forçados a viver nesse estado de sítio por conta de uma manobra militar, que buscava punir quem tivesse dado guarida e ajudado aos guerrilheiros. Contra uma arma na mão ninguém resiste. Os suruís não resistiram", avalia a antropóloga da Universidade Federal do Pará Jane Beltrão.

É essa história que o DIÁRIO DO PARÁ irá contar durante esta semana.

THIAGO ARAÚJO

Umassu Suruí e outros membros da aldeia: relatos da participação no conflito do Araguaia agora serão documentados